

13 MAI 75

Resumo da Reunião do Ministro
dos Neg. Estrang. (Melo Antunes)
com os dirigentes dos Movimen
tos de Libertação

Local: Residência do Alto-Comissário
Luanda

Presentes:

Portugal - Alto-Comissário
Min. Melo Antunes
Cor. Passos Ramos
C.F. Martins e Silva
Maj. Silva Barata

FNLA : Dr. Jouby Eduardo
Eug. N'gola Kabangu
Vaal Neto
Dr. Graça Tavares

MPLA : Rofe do Nascimento
TKO Carneira
Dr. Henrique Santos

UMTA : Dr. Savimbi
Dr. N'Zele
Dr. Wilson Santos

Pontos essenciais das intervenções

(2)

Melo Antunes - Necessidade de efetuar reuniões regulares com todas as partes, conforme tenha sido acordado verbalmente no Alvor.

- Pensa que a divulgação prematura da eventual próxima cimeira se deve à parte portuguesa.

- À partida, Portugal não pensa que seja necessário fazer nova reformulação, no entanto os acontecimentos provam que algo está mal.

Dr. Farinbi - Com Portugal ou não, será sempre um imperativo para os ML's encontrarem-se regularmente. Pode ser ou não necessária uma cimeira, mas se não conseguirmos um acordo entre nós, uma cimeira nada resolverá.

Papo do Nascimento - Se cimeira quer dizer a 4, estamos de acordo com o Dr. Farinbi: ou nós nos entendemos ou nada é possível resolver nada com Portugal. Com este (Portug.) será necessário complementar o Cap. IV (do Ac. do Alvor) que está insuficiente e está na base dos conflitos. Mas primeiro teremos que conversar a 3.

José Eduardo: Os encontros regulares a 4 foram convidados e consideramo-los necessários. Quanto à cimeira, pensamos que a multiplicação de cimeiras não teve o prestígio de que gostaríamos dos nossos chefes. Na reunião do 1º de Maio fizemos quantas cimeiras serão necessárias. Nunca chegaremos a acordos perfeitos, o que não quer dizer que Ac. Alvor será o único a fazer-nos sair do impasse; mas nada diz que a sua correcta aplicação não pode levar à independência na paz, harmonia e concórdia. Os conflitos navidos são do domínio dum

uma interpretação do Ac. Alvor, porque esse tem matiz, clara em todos os domínios - político, militar, relações inter-partidos e Portugal. Mas estamos dispostos a aceitar um encontro a nível Presidente, que exclui Portugal, mas só porque temos muita coisa a dizer dos portugueses (guerras) como porque os conflitos têm surgido entre ML's e nós com Portugal. Aceitamos encontros com ML's e nós com Portugal.

A este nível estão autorizados a dizer pelo Presidente que a FRENTE aceita esta situação em qualquer altura. Com Portugal, pensamos que não servirá aos ML's. Assinamos um Acordo e discursos que referiram a "historicidade" do Acordo e que o mundo aplaudiu.

Que vamos fazer agora? Reformular? Alterar? Bem aplicado, o Ac. Alvor não é mau, foi essa a nossa convicção. Por isso aceitamos, por enquanto, um encontro somente com os outros ML. Num próxima reunião abordaremos as questões contra Portugal. A haver outro encontro agora, pareceríamos ridículos aos olhos do Mundo.

Por enquanto a posição da FRENTE é esta: em contos a 4 aceitamos, reuniões a 4 não, pelo desprestígio e ridículo que acarretam.

Melo Antunes: Fez um resumo da Juntica das apresentações dos 3 ML's, que no essencial têm pontos comuns; embora não haja recusa formal, deprimida, entendem que por enquanto as reuniões serão ao nível dos 3 ML's.

A independência de Angola é da responsabilidade primeira dos Angolanos; é aos seus legítimos representantes que compete indicar

as vias para uma efectiva independência. Portugal não pode sobrepor-se à vontade dos ML's enquanto lidamos representantes do Povo. Queremos, de uma forma fraterna, concorrer para um entendimento. Portugal está altamente interessado em que o Processo de Descolonização seja exemplar e que decorra com o maior prestígio para os ML's, e que a independência surja aos olhos do mundo com a simpatia deste pela conclusão do processo. Não temos interesse em provocar uma nova crise, e as razões já aduzidas para a sua realização são importantes. Portugal não insiste na crise, mas insiste em que se faça a reunião o mais depressa possível. Recomendamos e pedimos que se marque desde já a reunião com os 3 ML, para uma análise profunda que esgote todos os problemas que há que enfrentar. Não vale a pena esconder as questões de fundo, porque na prática essa questão vem sempre à superfície. Se depois disso chegarem à conclusão de que será necessária nova reunião com Portugal (ou outra reunião, mas uma reunião sem publicidade), estamos prontos para ela.

Neste momento já houve contactos para a reunião a 3?

Copa do Nascimento - já houve contactos a nível do Governo e ascentou-se a uma reunião ainda este mês.

Melo Antunes - Parece conveniente que após a reunião houvesse outra, informal, dos 3 Presidentes, sem qualquer publicidade, ou com a que os ML decidirem fazer.

Dr. Sarimbi - julgo que só nas reuniões dos 3 Presidentes
1350 poderá ser decidido ; o aprofundar o Cap. IV
do IV do Ac. Alvor envolve a parte portuguesa, pelo
que a ser assim, naturalmente terá necessidade
e util a outra reunião (com Portugal).

João do Nascimento - Na linha da sua as intervenções, a
reformulação do Cap. IV deverá a necessidade
da reunião com Portugal, mas essa decisão
só deverá ser tomada na reunião com os 3
Presidentes.

Paulo Eduardo - O que disse o nosso Presidente foi
muito claro. Não nos podemos comprometer
antes da reunião, mas cremos que esta
deverá ter lugar, embora não saiba a que
nível. Ainda não fixámos data para a pró-
xima porque o Presidente está fora (do
país, acrescento eu), só após o seu regresso.
Embora os problemas sejam de grande acui-
dade, não devemos confundir urgências com
preocupação. Os que dirigem o País têm de debri-
car-se sobre os problemas, e fomos que an-
tes de darmos uma opinião sobre o carácter
de urgência da reunião dos 3 Presidentes
devemos ter em conta os resultados das deci-
sões tomadas também no Conselho de Minis-
tros e na Comissão Nacional de Defesa (CND).
Se a reunião não for em Maio, será no
início de junho. Temos que ver de facto o
resultado das decisões de ontem, porque o
problema é essencialmente militar. Se for
positivo, pode-se esperar mais um bocadinho.
Sabemos que Sarimbi e Neto já se encontraram
várias vezes, o que é uma boa coisa. Tive

também conversas com eles, e sendo que ir a Kim Shasa informar o meu Presidente.

Melo Antunes - Creio que a necessidade de reuniões como esta em que nos encontramos se mantem, pelo que propomos que sejam feitas regularmente. Há uma preocupação que parece emergir das 3 partes: a situação militar.

No Alvor não foi possível aprofundar este aspecto, achamos nós, embora se compreenda que assim tenha sido. Não sendo sido directamente comtemplada a formação do Exército Nacional, estabeleceram-se normas que deram oportunidade à formação de separatismos: 3 exércitos particulares em vez de 1 só, nacional. Julgo que se poderá desde já abordar alguns aspectos que ajudem este assunto.

As medidas tomadas outrem são um passo importante. Contudo esta não é a 1ª vez que os ML's se reunem para acordar medidas práticas para resolver problemas imediatos. Recordo o protocolo de Acordo de 28 MAR 75. Tive a sua utilidade para as questões da altura, mas por cada algum tempo voltou-se a cair numa situação difícil, que deu origem às tais medidas de outrem. Creio que isto não resolve os problemas de fundo, pois estes só se resolvem com um mínimo de entendimento político. No entanto, por uma questão de método, separamos agora o aspecto militar do político, e fazo em relação aos 3 Ramos das FA.

Dr. Javimbi - A formação do Exército Nacional é assunto mais político do que militar, pois isso não

foi discutido no Alvor. Vamos ouvir aqui todas as partes, mas devo dizer que esse será um dos pontos fundamentais da Reunião com os 3 Presidentes. Se houver aqui ideias, ouvimo-las. Não, UNITA, mas temos nenhuma ideia a apresentar.

Melo Antunes - Resumimos essa dificuldade, mas por isso mesmo adiamos que a atitude mais possível será a de abordar com toda a clareza o assunto. Somos um parceiro inimitável até MNOU e por isso teremos de participar no diálogo. Poderemos apoiar concretamente nos apoios a conceder, mas o problema político terá de ser resolvido pelos ML's. A nossa participação será fundamentalmente técnica, embora com uma conotação política que resulta de se estar a apoiar a uma independência.

Bojo do Nascimento - Nesta reunião deviamos ser levantados pontos para serem trabalhados e apresentados em reuniões posteriores. Houve reunião antes de ZIZAN onde a nossa posição foi apresentada à parte portuguesa. Em fins de Fevereiro apresentamos um projecto que desejávamos ver debatido a nível dos Estados - Membros, mas infelizmente isso não foi feito.

Jouby Eduardo - Pessoalmente nada tenho a dizer, porque isso será uma das questões que os outros chefes irão discutir.

N'gola Kabango - O problema tem bases técnicas, mas é essencialmente político; o militar é antes do mais um militante. Em principio o militar nacional deverá ser isento, mas só na circunstância

isso poderá ser abordado.

Martins e Silva - A experiência que, aqui em Luanda, se poderá colher da verdadeira integração da Força Militar Mista, em vez de formações, poderá fornecer-nos indicações seguras.

Melo Antunes - Este ponto poderá ser um ponto concreto para a reunião que propomos que se faça amanhã à tarde, dando tempo para que se estude o problema ao nível dos ML's.

Jonhny Eduardo - Temos uma agenda sobrecarregada e não sei se a reunião de amanhã poderá ser feita, porque há Conselhos de Ministros onde se vão debater problemas de urgência, tal como o êxodo de quadros técnicos.

Alto Comissário - Se não for mais cedo, será mais tarde. Poderemos elaborar desde já uma agenda para amanhã, havendo a possibilidade de se marcar para mais tarde e até jantar aqui.

Jonhny Eduardo - A parte mais importante é a militar. Só no aspecto técnico iremos discutir o âmbito militar com a presença de Portugal. O resto, o aspecto político, será reservado para a reunião dos 3 Presidentes.

Melo Antunes - Em princípio talvez se pudesse marcar para amanhã às 16 horas. (Foi aceite).
Existirá alguma alteração na posição dos ML's em relação a Cabinda? A nível internacional parece emergir a ideia da autonomia do território. Portugal tem sido muito claro a este respeito. Para que Portugal possa

continuar a exercer accaõ politica e diplomatica convenientes, e indispensavel saber se houve alteracaõ.

Jonky Eduardo - A FNLA continua a pensar do mesmo modo: Cabinda e parte integrante de Angola e nao temos intencões de incluir nas nossas conversacões esse assunto. Que fique bem claro. Ha um jornal portuguẽs que diz que a FNLA estã a concentrar tropas a sul de Cabinda e talvez tambem tenha havido desvirtuacões das declarações de A. Neto (que possivelmente referiu FLEC e que o jornal transformou em FNLA). As nossas forcas sã apenas de prevençães e sã apenas a intencãõ de evitar que a FLEC (que ali se estã a treinar) possa entrar em Cabinda. Nã mudamos a nossa posicãõ. Se cedossemos, iriamos tambem discutir o Cunene e outras partes. Ha em Cabinda forcas e um governador que dependem do Governo de Transicãõ legalmente instituido. Nã ha que perguntar a ninguém o que querem em Cabinda. Se ha paizes que querem invadir Cabinda, feca ao Ministro Melo Antunes que apresente o assunto veemente perante o "Amiral" Rosa Coutinho. Ele tem muito que falar de Portugal aos jornalistas, e pedimos-lhe que deixe Angola em paz.

Popo do Nascimento - A nossa posicãõ nao mudou a respeito de Cabinda.

Melo Antunes - Inventa fazer umas perguntas, para ter accaõ diplomatica. Quais sã as accões conduzidas pela FLEC neste momento? Que

consequências políticas tem o apoio que o Frelimo e a RPC dão agora? Que pode Portugal fazer neste momento?

Dr. Savimbi - A pressão da UNITA não mudou, e temos levado a cabo uma campanha junto de países africanos. Ficamos surpreendidos com o que disse Joubert Eduardo sobre declaração de Mo Suda (que tinha documentos que poriam em cheque os Presidentes dos ML)

N'gola Kabango - Respondendo às perguntas: a nossa posição é clara. Se foi necessário, entraremos em guerra com os vizinhos. Não aceitamos discutir este assunto com vizinhos ou com a OUA, e estamos dispostos a defender a Zâmbia "com unhas e dentes". Há uma grande campanha internacional imperialista e pedimos que Portugal nos defenda, podendo desde já contar com o nosso apoio.

Melo Antunes - A breve prazo poderemos ter de aduar em órgãos internacionais (ONU e OUA), por isso desejamos saber a vossa posição.

Logo do Nascimento - Sabemos que a RPC dá apoio à FLEC e vamos sentindo dificuldades nas relações com aquele país. Portugal pode agir junto de países europeus - França - e pode contar com todo o nosso apoio neste aspecto.

Joubert Eduardo - Estamos de acordo com Logo Nascimento e pensamos que Portugal deve, desde já, iniciar a campanha não só em

relação ao Zaire e RPC como no Gabão, onde há uma forte comunidade cabinda, e outros países mais afastados.

~~Dr. Savimbi~~

Dr. Savimbi - Há países africanos que se apresentaram à discussão do problema mas outros apóiam: O Zaire, a RPC e o Gabão. Nós aceitamos fazer reunião no Gabão porque este fez "jogo sujo". O Gabão pediu armas à Romênia para a UNITA, mas não as pedimos. Agora está a apoiar os leionicos de Angola. Em França disse ao Secretário Geral da Presidência que estavam a ajudar a FLEC. Disseram que o presidente do Gabão é que tem pressionado a França e não o contrário. Há um representante oficioso da FLEC em Paris. A França está de facto a apoiar a FLEC. Dos EVA nada sei. O assunto não pode ser levado a OVA, porque adquire uma credibilidade que não deve ter. Portugal deve denunciar, mas o Governo de Transição deve nomear uma comissão para ir à OVA. Não se prepara um exército para nada. Se o Gov. Transição não passa à ofensiva, "teremos tiros contra nós todos", quando ainda andamos aos tiros entre nós. Queremos abafar as emissões da FLEC. Isto tem uma dificuldade: irá abafar igualmente a Rádio Eclésiá e o R. Club de Angola, mas

é necessário. Isso vai influir nas emissões de Rádio Kinschasa e Rádio Brazaville, mas há muitas horas de emissões que são altamente perniciosas. As medidas práticas são imperativas e desde já.

Melo Antunes - O que se está a preparar em Cabinda pode ser o fundamento de situações mais graves para Angola. Se isso vai avante, pode servir de pretexto para acções mais amplas que podem pôr em jogo o futuro da unidade nacional. Há que ir mais fundo na ~~em~~ análise deste problema. Portugal compromete-se a tomar posições diplomáticas energéticas para dissuadir os apetites das potências estrangeiras imperialistas. Considero útil a sugestão do Dr. Savimbi de enviar uma delegação à OVA.

Rafael do Nascimento - Sugiro que os membros do Colégio Presidencial fizessem uma "demarche" junto dos países limítrofes para reafirmar a nossa posição (Zaire, RPC, Zâmbia)

José Eduardo - Não creio que a Zâmbia irá alinhar. A Frelimo já tem feito "demarches" e só a MIZ-Frelimo dirá o que isso nos tem custado.

Dr. Savimbi - "Demarches" facultares todos fizemos. É necessário agora actuar oficialmente, a nível do Governo.

José Eduardo - Talvez seja melhor ir o Colégio Presidencial. Lembemo-nos os Presidentes N'gouabi e Mobutu que poderiam recusar-se a receber-nos.

Sempre se desentenderam, mas por Cabinda
já chegaram a acordo. Há uma interferên-
ça grande a nível governamental, em
todos os domínios. Dá o fecho duma deslo-
cação, parecendo melhor que vai uma delegação.

Melo Antunes - Há outras questões: estas eleições elei-
ções no Ac. Alvor; Portugal está ~~preocupado~~
preocupado com o processamento necessário para
a sua realização. Tem que se revestir de toda
a dignidade, para que os resultados sejam res-
peitados por todo o Mundo. Portugal dará o apoio
que puder às necessidades que apresentarem.

José Eduardo - Até fins de Maio ("sem grande optimismo
mas com fequeno optimismo [sic]") pensamos ter
já feito as duas leis, para preparar tudo em
3 meses e fazer com a mira para a campanha
eleitoral. A propaganda rádio irá recomeçar,
por ela se irá iniciar no começo da luta nina-
da. Tudo faremos para que haja eleições, porque
é a única via democrática para dotar Angola
de instituições legais.

Melo Antunes - A condição nº 1 para que haja eleições
em Angola é a Paz. Esta tem de ser o
pau de fundo.

Pop do Nascimento - Defendemos o princípio das eleições,
mas só porque está no Acordo mas também
porque é o modo mais correcto de se atingir
a Independência. Manipulamos, no entanto,
preocupados com os alvos. Já combinamos

entre os ML alterar o calendario do que decorre até 11 NOV. Dada a experiencia agora vinda por Portugal talvez a sua ajuda fosse agora importante.

Dr. Faruqi - As eleições são um imperativo. Temos pensado em alternativas mas o nosso processo é particular e só as eleições serão soluções. Concordamos com a preocupação do atraso e com a falta do clima de paz. No entanto se houver propostas viáveis estamos dispostos a estudá-las. O 11 NOV é sagrado para o Povo Angolano.

Melo Antunes - Não foi nunca acordado entre os ML e sugira que seja abordado na Reunião com os 3 Presidentes a forma de constituição do Governo, que será nomeado pelo Presid. República eleito pela Assembleia Constituinte. Há que ser realizada a paz que se constitui no futuro de Angola independente tal como em Portugal, mas há neste momento um partido que fosse, por si só, dirigir o País, daí a necessidade de o MFA assumir essa responsabilidade, por isso sendo que em Angola haverá que encontrar um tipo de Governo de Salvação Nacional.

Johnny Edwards - Queremos fazer a Paz em Angola mas os jovens portugueses não têm ajudado nada. Quando o MFA reconhece os 3 ML, como se prova à volta desta mesa,

mas se pode admitir que os jornais portugueses
 tomem posição sistemáticas contra a FNLA
 e a favor do outro ML. Só o sigilo das ten-
 ções da CND nos tem impedido de divulgar
 o que ali se passa. Quando o Presidente
 do MPLA, que só tem amigos nos jornais
 portugueses, denuncia o que aqui se passa, su-
 jando os ML, mas só nos ataca como freijó
 seca (disse "deserve") o próprio MFA. Com-
 prendemos que a imprensa possa gotar dum
 certo desabafo (!), mas não pode permitir que
 esses órgãos vão contra o que o MFA pretende.
 Sabemos que o MFA pode, mas abafar mas
 controlar essas liberdades. Quando o MFA
 não levanta a voz para reprimir essa cam-
 panha, está a prejudicar o futuro das relações
 de Angola e Portugal. Quando Rosa Coutinho
 e Jesuino falam contra Holden Roberto e FNLA
 no momento em que um navio angolano
 descarrega armas em Angola (Luanda),
 mas são eles que falam, são personalidades
 importantes do MFA, mas são "Ze Povinho" (sic).
 Não se trata só de jornais mas também de
 individualidades. É isso que pedimos.
 Angola não é FNLA, mas esta tem que ter
 voz importante na construção de Angola.
 Quando as relações se deterioram, quem
 perde são os dois povos, que pretendem boas
 relações de amizade.

Vaal Neto - Essa imprensa (e a TV) tem feito
enar uma imagem ao estrangeiro que
prejudica Angola. Tem publicado reports
seus do Biafra e do "retornado" de Costa
Cabrino como sendo de agora, dos inci-
dentes de Luanda.

Dr. Wilson Santos - Isto prejudica seriamente o futuro
das relações. As bases constroem-se desde
já. A UNITA, na imprensa portuguesa, tem
sido desconsiderada, insultada. O que estamos
a pôr em causa não é o insulto. Sabemos
que há várias forças políticas. O que põmos
em questão é a capacidade de o Governo
Português controlar a opinião pública portu-
guesa, com a qual é necessário ter muito
cuidado. Sabemos que há tendências políti-
cas com que o MFA não concorda. Mas a
UNITA tem sido alvo de ataques e sentimos
que é o Povo Português que pressiona o Go-
verno para tomar posição contra nós. Pen-
samos que o Governo Portug., neste caso, a
dar a importância devida à ação da im-
prensa, rádio e TV. Nomeadamente o
sempre fixe, o título que mostrou, tem
um título "Savimbi vende Angola" que deve
ser embaraçoso para o Gov. Português
(se é que é embaraçoso).

Podemos aguardar este jornal a nível
de cúpula, mas podemos mostrar as nossas
bases, para que vejamos o que uma parte

da opiniao publica feita da UNITA. Nos temos consideracao e respeito pelo Povo Portugues e queremos dar oportunidade para que estas coisas sejam revistas.

Mas se o Gov. Portugues nao toma medidas severas contra a imprensa, sera muito desagradavel. Poderia tirar o prestigio do processo de descolortacao e a desonra ira cair sobre Portugal e nao sobre o sempre fixe. Nos sabemos que facilidades sao concedidas a certas comentes de opiniao para aparecerem estas coisas.

N. Dele - Lembramos que nos nao hesitamos em tomar medidas contra os jornais de ca que atacaram o MFA. O que me admira e que esses jornais portugueses citam o AC, representante do Presidente da Republica, em termos ridiculos e nao ha accao do Governo Portugues contra essas atitudes.

Embora queiram atingir um ao outro ML, atingem todo o Povo Angolano porque e a imagem de Angola que e afetada.

Melo Antunes - Os responsaveis portugueses pelo processo de descolortacao tem consciencia dessas atitudes, que atacam ML's e ate as FAP e o MFA em Angola. Compreendo a perplexidade dos dirigentes de Angola quanto a estes casos. Ji foram abordados estes pontos nas conversas MFA-A comiteo. Ha contradicao em Portugal e esta nao e

das menores. É necessário que a imprensa
 não deixe lerda na fogueira. As opiniões
 do MFA-A expuseram claramente esta si-
 tuação em Lisboa, à Comissão Nacional
 de Desobediência. Estamos mais suscei-
 litados para este assunto e vamos tomar
 medidas, sem pôr em causa as liberdades
 adquiridas com o ESTATUTO, mas o Minis-
 tério da Comunicação Social irá agir junto
 dos directores de jornais para que tenham
 mais cuidado nos artigos que são publicados

— N —